

---

*um livro de*  
*Jotabê Medeiros*

---

**ILUSTRADO POR LUIS MATUTO**

---

2020

O

[no prelo]

ÚLTIMO  
PAU DE  
ARARA

**GRAFATÓRIO EDIÇÕES**

# Um homem baldio

CAP. I  
[trecho]

ARRANCOU A BALAUSTRAS de peroba da própria cerca e se dirigiu ao portão. Balaústra de peroba é tão dura que prego de aço de três milímetros e meio, quando tenta varar uma, entorta feito arame de resistência de chuva. A dobradiça do portão fez um ruído de calabouço de filme do Conan e ele virou à esquerda na rua, as botas marrons espanando poeira. Corri para ver o que ia acontecer.

Ele estancou na porta de uma casa azul cuja varanda tinha colunas que eram feitas de tubos de PVC cheios de concreto dentro. Era muito comum na classe média da cidade naquela época. Os tubos tornados colunas eram geralmente pintados depois de azul ou verde e eram dispostos em forma de V nas varandas, dois em cada extremo. Para sentar, cadeiras de fios eletrostáticos, aqueles tubos de plástico trançados. Ele bateu palmas raivosamente, como se estripasse pernilongos no escuro. Um homem com calça de moletom Adidas vermelha com listras laterais brancas apareceu.

— Seu cachorro tentou me morder pela terceira vez. Ou você prende ele ou eu o mato.

O homem, passado o susto inicial, talvez por nervosismo, escolheu o pior caminho e resolveu rir jocosamente. “Não vou prender nada”, avisou. “O cachorro faz o que quiser, você que ande longe da minha cerca”. Meu pai nada disse. Virou as costas ao homem e desceu a rua sem expressar nada, arrastando a balaústra de peroba pela rua de terra, fazendo sulcos no chão com a raiva contida,

gotas de suor escorrendo do interior do chapéu pela testa larga. Depositou-a cuidadosamente em cima do forro do quartinho dos fundos. O silêncio crepitava como asfalto quente em dia de verão.

A balaústra ficou ali por três dias.

Num final de tarde vermelho como quase todos naquela época do ano no Norte do Paraná, ele entrou no quintal com o passo rápido, as botinas lixando uma à outra como escoteiro fazendo fogo com pedras, foi até o quartinho dos fundos, içou a balaústra e voltou à rua. Escutei um ganido seco e corri. Cheguei a tempo de vê-lo arrastando o corpo do pastor alemão e atirando o cadáver do cão por cima da cerca do homem. Fez isso sem dizer uma palavra e voltou caminhando lentamente, arrastando a balaústra ensanguentada no chão, mas dessa vez sem deixar sulcos. Eu fui depois até o local da coisa e vi que havia uns tufos de pelos e algo que eu imaginei serem miolos espalhados pelo chão, o sangue formava uma bolha que não se misturava com a terra vermelha. Ele quase não arrastou o cão, a trilha era rasa na terra arenosa da rua sem asfalto da minha cidade.

Eu pensei em quantos inimigos como aquele homem do pastor alemão ele já teria deixado pela cidade e senti calafrios. Um homem com 15 filhos, boa parte meninas e moleques ainda, não tinha medo que um de seus filhos se tornasse alvo de uma retaliação hedionda? Só me acalmei quando constatei que, fosse eu inimigo dele, teria ainda mais medo de uma vingança de fato.

A vingança, diz a voz popular, é algo para ser semeado pacientemente para uma colheita eficiente ao final. Meu pai, nesse sentido, sempre foi extrativista. Não tinha tempo para maquinações. A vingança simplesmente surgia no caule de uma árvore seca e ele ia lá e a colhia com suas unhas sempre aparadas com o canivete e grossas como se tivessem a espessura de uma pá de ventilador. Nunca semeou nada, nunca urdiu nem acalentou algum sonho de vingança. Era tudo improvisado.

Certamente todo mundo conhece o valentão de trânsito, aquele que sai do carro, após uma fechada brusca, já com um revólver na mão ou um taco de beisebol e vai para cima do outro motorista. Todo mundo também conhece o valentão de bar, aquele que roda roda a baiana mas jamais desferiu o primeiro golpe, espera sempre ser socado antes para depois quebrar mais cadeiras e mesas

do que dentes. Meu pai nunca foi valentão, nem de um tipo nem de outros. Ele nunca se jactou de nada, nunca contou vantagem ou ameaçou por diversão. Também nunca fez algo que pudesse ser apagado, voltando atrás. Nunca foi uma vida que se fundasse na desforra ou na vingança. Tratava-se apenas de cumprir com o que havia determinado para si mesmo, ele próprio era uma instância judicial que não conhecia recurso. Não se podia pedir ao meu pai que voltasse atrás, ele jamais voltava. Era forjado por uma sequência de rompantes de fúria, e isso durou pelo menos uns 70 de seus 102 anos.



Este é um trecho do primeiro capítulo de *O Último Pau de Arara*, de Jotabê Medeiros. O livro está em fase de financiamento coletivo e precisa do seu apoio para ser publicado.

Acesse e colabore:  
[www.catarse.me/ultimopaudearara](http://www.catarse.me/ultimopaudearara)